

regime e índices abstratos de crescimento, que apenas significam o grau de concentração da economia. Desenvolvimento, assim compreendido, parece derivar do regime, de seu autoritarismo. A área política, como é entendida, limita-se, fica tão estreita, tão reduzida quanto possível, ao mínimo que exige a simulação de divisão de poderes, de funcionamento da vontade popular: há eleições, há legislativo, há partidos políticos. Mas tudo formal, limitado, inexpressivo, porque a mínima demonstração de discordância é punida e os poderes são majestáticos no campo da punição. Como o chamado "modelo brasileiro de desenvolvimento" pode apresentar índices numéricos de avanço, o próprio conceito de desenvolvimento passa a ser confuso.²²⁷

O regime buscou legitimar-se pelo saneamento da economia e particularmente das finanças, no controle à inflação, e pela imposição da "ordem", no campo social e político. Valeu-se da capacidade ociosa da estrutura de produção e dos baixos índices vigentes; pelo aproveitamento daquela e pelo avultamento de seus índices, em face dos anteriores muito baixos, apresentou o quadro de contraste entre desenvolvimento material com "harmonia entre as classes" e caos, entre ordem social e rompimento dela, atingindo os limites extremos da sublevação e da inversão hierárquica militar, que alarmaram as classes possuidoras e as camadas médias. O aproveitamento da capacidade ociosa, no campo da economia, foi acompanhado da espoliação salarial e da compressão dos vencimentos fixos, que acabaram estabelecendo graves desigualdades e empobrecendo as camadas médias e o proletariado sendo reduzido ao mínimo, ao estritamente necessário à reposição das energias físicas de cada trabalhador.²²⁸

A extrema concentração empresarial peculiar ao capitalismo monopolista de Estado gerou poderes novos, na área internacional. Tal concentração, realmente, parece ter atingido uma etapa tão avançada que a avizinha do fim. Nos Estados Unidos, as quatro maiores companhias em cada uma de suas indústrias fabricam, atualmente, as seguintes proporções da produção nacional dos bens citados: 100% dos vagões de passageiros; 99% do alumínio básico; 98% do vidro laminado, do vidro plano e

²²⁷ Não faz sentido, realmente, qualquer conceito de desenvolvimento que não esteja associado ao nível de vida do povo. Mas, aqui, a controvérsia seria longa.

²²⁸ A tese de que os índices de crescimento apresentados depois de 1968 deriva do aproveitamento da capacidade ociosa da estrutura brasileira de produção antes parece ter alcançado o consenso da maioria dos economistas (salvo, evidentemente, aqueles que são funcionários do Governo) como Fernando Magalhães, Albert Fishlow, Maria da Conceição Tavares, nos trabalhos antes citados.